

Filmes nas salas de aula: as ciências em foco

Fernanda Ribeiro de Souza¹
Leandro Belinaso Guimarães²

Resumo

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa que enfoca as práticas pedagógicas desenvolvidas com o cinema em sala de aula. A pesquisa configurou-se como um estudo de caso, em uma escola pública da rede estadual de educação do Paraná, realizado através de entrevistas com professores de todas as disciplinas dos anos finais do Ensino Fundamental. O objetivo principal foi investigar as práticas pedagógicas relacionadas ao uso de filmes no contexto escolar, em especial na disciplina de Ciências. O aporte teórico acionado na investigação foi o dos estudos culturais. A pesquisa mostrou que o cinema tem sido utilizado na escola investigada como um recurso para o ensino dos conteúdos relacionados a cada disciplina, não sendo consideradas as suas múltiplas potencialidades enquanto artefato estético constituído por uma linguagem artística. Verificou-se que os gêneros dos filmes utilizados em sala de aula são variados, sendo os de animação os mais presentes no ensino de Ciências. Por este motivo, o artigo tece, em seu final, uma leitura do filme “Rio” destacando as potencialidades da animação para as aulas de ciências e para a promoção da Educação Ambiental.

Palavras-chave: cinema, Educação, ensino de Ciências, Estudos Culturais, Educação Ambiental.

MOVIES IN THE CLASSROOM: THE SCIENCES IN FOCUS

Abstract

This article is part of a research that focuses on teaching practices developed with cinema in classroom. The survey was configured as a case study in a public school of the state of Paraná (BR), conducted through interviews with teachers from all disciplines of the final years of elementary school. The main objective was to investigate the pedagogical practices related to the use of films in schools, especially in the discipline of Sciences. The theoretical basis of the research was the cultural studies. This research has shown that the cinema has been used in the school investigated as a resource for teaching of content related to each discipline and not considered their multiple potential as aesthetic artifact consisting of an artistic language. The genres of films used in the classroom are varied, being the animation film the most used in Sciences teaching. For this reason, the paper suggests at the end, a reading of the film "Rio" highlighting the potential of this animation for the classes of science and to promote Environmental Education.

Keywords: cinema, education, Science teaching, Cultural Studies, Environmental Education.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² Doutor em Educação (UFRGS). Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do “Grupo Tecendo: Educação Ambiental e Estudos Culturais”.

Este ensaio é fruto de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina. O estudo fundamenta-se no campo dos Estudos Culturais, que considera a cultura como o conjunto de práticas produtoras de significações sobre o mundo e sobre nós mesmos.

A partir do contato com esta área, passamos a considerar que a cultura engendra um processo educativo, pois possibilita a circulação e a construção de significados sobre as mais diversas questões, configurando diferentes formas de ver, ser e se relacionar no e com o mundo. Estudiosos como Silva (1999) utilizam a expressão “pedagogia cultural” para denominar o processo educativo operado pelas múltiplas instâncias culturais, ou seja, para marcar o caráter pedagógico da cultura, quando esta é vista como implicada em nos ensinar sobre os significados das práticas e artefatos circulantes nas sociedades, contribuindo para as construções de nossas identidades.

Compreender a cultura como produtora de significados implica em reconhecer que a escola não é a única instituição envolvida no processo de educar, e as mídias, como os filmes cinematográficos, por exemplo, nos ensinam modos de pensar e ver, de se relacionar no e com o mundo, com os outros sujeitos e seres vivos.

Soma-se a isso o papel que as mídias e as tecnologias de informação e comunicação apresentam na formação cultural da sociedade atual, o que torna imprescindível que a escola considere a presença das tecnologias de comunicação no processo pedagógico de formação dos sujeitos.

Tal questão conecta-se às políticas públicas, como o Programa Um Computador por Aluno (PROUCA), que buscam abrir as escolas brasileiras à Internet e ao universo das tecnologias digitais. Através do citado Programa, artefatos culturais em trânsito pela Rede tornam-se muito mais acessíveis às crianças e aos jovens. Além disso, há Programas como o “Circuito Tela Verde”, do Ministério do Meio Ambiente, que disponibiliza inúmeros filmes sob a temática ambiental para serem exibidos em escolas e universidades. Nesta mesma direção, podemos ainda citar a “TV Escola”, do Ministério da Educação, como um exemplo de Programa através do qual inúmeros artefatos audiovisuais tornam-se disponíveis para adentrar práticas pedagógicas escolares. Assim, podemos dizer que os filmes, foco deste artigo, estão na escola. Examinar os modos como professores lidam pedagogicamente com eles é nosso principal intuito.

Segundo Fabris, a partir das teorizações no campo dos Estudos Culturais, ela passou a considerar o cinema “como uma possibilidade não apenas de entretenimento e de material ilustrativo e/ou pedagógico” em suas aulas, mas também, como artefatos capazes de “desenvolver uma pedagogia, de ensinar modos de vida” (FABRIS, 2011, p.119).

Duarte (2002), também defende que as experiências culturais associadas ao ato de ver filmes interagem na produção de saberes, identidades, visões de mundo dos sujeitos sociais, destacando assim a natureza pedagógica do cinema.

No ensino de Ciências, os filmes apresentam um papel significativo na divulgação e disseminação de conceitos científicos, sob os mais diversos enfoques, de forma multidisciplinar e contextualizada, pondo em circulação e aproximando conceitos sobre ciência ao cotidiano das pessoas.

Neste sentido, percebemos a necessidade de produzir conhecimentos que abordem a relação entre o Cinema e a Educação e as possibilidades de trabalho com essa linguagem. A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual, localizada no município de São João, no estado do Paraná. Participaram do estudo nove professores que atuam na escola, ministrando as disciplinas de: Português; Matemática; História; Geografia; Ciências; Inglês; Artes; Educação Física e Ensino Religioso. A coleta de dados ocorreu através de questões abertas que buscavam levar os entrevistados a falar com mais detalhes sobre suas práticas pedagógicas.

No decorrer das entrevistas, questões como: “De que forma você utiliza filmes em sala de aula?”; “Que filmes você mais usa?”; possibilitaram que os professores deixassem transparecer suas concepções sobre como filmes funcionam em sala de aula, suas preferências e os encaminhamentos pedagógicos realizados a partir dos artefatos.

Na última sessão do artigo, tecemos uma breve leitura do filme “Rio”, lançado em 2011 e produzido pela *Blue Sky Studios*, do diretor Carlos Saldanha, buscando sinalizar algumas potencialidades pedagógicas para o trabalho nas aulas de Ciências e Biologia. O filme foi selecionado por apresentar em seu enredo uma temática relacionada à Educação Ambiental, além de aspectos culturais e sociais da cidade do Rio de Janeiro, apresentada como cenário principal da trama.

OS FILMES EM CENA NA SALA DE AULA

De acordo com o relato de professores que participaram da pesquisa, os filmes são inseridos na prática pedagógica após a explanação dos conteúdos, apresentando uma função secundária, adicional, que reduz a função dos artefatos cinematográficos utilizados no ensino formal a um complemento para os conteúdos abordados em sala de aula. Vejamos alguns depoimentos:

Uso filmes como recurso além do que trabalho em sala de aula, como um complemento, para que os alunos possam visualizar os conteúdos abordados na disciplina (Professora B).

Tal apropriação do cinema pela educação se dá numa relação predominantemente instrumental, em que o cinema e sua linguagem não são abordados em sua especificidade.

Entendemos como “uso instrumental” a exibição de filmes voltada exclusivamente para o ensino de conteúdos curriculares, sem considerar a dimensão estética da obra, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p.69).

De acordo com Napolitano (2009, p.20), o filme pode ser trabalhado como “um ‘texto’ gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor” ou como um documento em si, tomado como elemento cultural, privilegiando aspectos estéticos, históricos e da linguagem.

Professores de disciplinas como Matemática, Educação Física e Língua Portuguesa, relataram não utilizar frequentemente filmes em sala de aula, pois encontram dificuldades para selecionar aqueles que se relacionariam aos conteúdos específicos da disciplina que ministram. Isso demonstra que a concepção de filme como complemento dos conteúdos acaba limitando tanto a sua inserção na prática pedagógica quanto suas potencialidades enquanto instrumento de aprendizagem.

Todos os professores, em algum momento de suas narrativas, consideraram os filmes como instrumento de aprendizagem. Portanto são vistos como mediadores de conhecimentos e significações, embora não sejam consideradas as suas múltiplas potencialidades enquanto objeto estético que constitui uma linguagem artística e de formação.

A professora de Ciências citou que é possível trabalhar com o filme “*de forma multidisciplinar, ir além dos conteúdos de Ciências*” (Professora D),

considerando, portanto, os filmes para além do trabalho com os conteúdos curriculares da sua disciplina, apresentando uma visão mais ampla sobre o uso dos audiovisuais no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, ao relatar sobre suas práticas pedagógicas não deixou transparecer essas relações.

A concepção de filme como lazer foi identificada na fala de um dos sujeitos da pesquisa.

Os alunos já tiveram aula o ano inteiro, já viram conteúdos o ano todo, aí eu passo um filme. No ano anterior eu passei o Cubo mesmo, para a 8ª série, mas foi só para dar uma aula diferente (Professora E).

Percebe-se na narrativa acima, que o filme está desvinculado da intenção pedagógica da professora, incorporando apenas a função de divertimento, passatempo. Mesmo sob este enfoque, o filme não deixa de ter um caráter formativo, configurando-se em um mediador de aprendizagens, informações e significados, pois mesmo quando assistimos, ou nossos alunos assistem, “passivamente” a um filme, nos apropriamos dele de forma singular, construindo novas formas de compreender conceitos e agir em determinados contextos.

No decorrer das entrevistas, sentimos que os professores esforçavam-se para deixar claro que sempre ocorre uma cobrança a partir do filme, esclarecendo que a utilização do filme em sala de aula está relacionada a objetivos da disciplina, configurando-se em objeto de avaliação, o que atribuiria ao filme um caráter educativo. Isto soa como se o fato de exigir um relatório após o filme garantisse que este estivesse relacionado a uma ação intencional e pedagógica.

Entre os relatos dos professores estão os seguintes encaminhamentos: (1) antes de iniciar o filme: apresentação da sinopse, levantamento de pontos a ser observados e trabalho com questionários, para, segundo o professor, prender a atenção do aluno no conteúdo da disciplina; (2) durante o filme: parar o filme para comentar pontos relacionados à disciplina. (3) após a exibição: discussão oral sobre o filme e relações com o conteúdo; confecção de relatórios (escritos ou orais); produção de história em quadrinhos com o objetivo de reforçar conteúdos e/ou produção de texto sobre o final do filme.

Percebe-se que os professores necessitam de formação sobre a linguagem cinematográfica, para que constituam formas de apreciação e leitura dos filmes, levando em consideração as singularidades destes artefatos,

bem como as suas potencialidades pedagógicas. E mais, uma formação que lhes permita lidar de forma mais densa com as políticas públicas que incorporam ao cotidiano escolar os artefatos audiovisuais, as tecnologias da informação e os computadores com acesso a Rede.

OS FILMES EM FOCO

Uma grande variedade de filmes foi citada nos relatos dos professores entrevistados. Poucos dos títulos repetiram-se em mais do que uma disciplina, o que consideramos um reflexo da concepção dos professores quanto à utilização de filmes em sala de aula. O fato de geralmente relacionarem o filme a ser trabalhado com conteúdos das disciplinas ministradas faz com que cada professor elenque determinados títulos, que se tornam referência para o trabalho com conteúdos específicos de cada disciplina.

A relação dos filmes utilizados pelos professores de acordo com o Quadro 1 apresenta a íntima relação dos filmes trabalhados em cada disciplina com conteúdos específicos:

Quadro 1 - Relação de filmes por disciplina

Disciplina	Filmes
Artes	Avatar Cidade dos Anjos Coração de Tinta - O Livro Mágico* Mona Lisa O Som do Coração Sombras de Goya O Príncipe da Pérsia*
Ciências	Apolo 13 Bee Movie Espanta Tubarão Filadélfia Happy Feet Procurando Nemo Juno Meninas Meninos não choram O caçador de Pipas* Osmose e Jones Rio Xuxinha e Guto contra os Monstros do Espaço
Educação Física	Nenhum

Ensino Religioso	13 Dias que Abalaram o Mundo O Caçador de Pipas* O Príncipe da Pérsia*
Geografia	A cor do Paraíso 2012 - Nós Fomos Avisados Terremoto
História	A Era do Gelo A Múmia O Menino do Pijama Listrado O Retorno da Múmia Patriota Pearl Harbor
Inglês	Harry Potter Sherlock Holmes O Lobo
Matemática	Cubo
Português	Coração de Tinta - O Livro Mágico*
TOTAL	37 filmes

*Filme citado em duas disciplinas.

Na disciplina de Ciências, a professora relatou 13 filmes cuja distribuição de gêneros pode ser observada no Quadro 2, com destaque para o gênero animação:

Quadro 2 - Gêneros dos filmes utilizados na disciplina de Ciências

Gênero	Filmes
Animação	Bee Movie Espanta Tubarão Happy Feet Procurando Nemo Rio Xuxinha e Guto contra os Monstros do Espaço
Comédia	Juno Osmose e Jones
Documentário	Meninas
Drama	Apolo 13 Filadélfia Meninos não choram O caçador de Pipas
Ficção	Avatar

No ensino de Ciências os filmes são frequentemente utilizados como complemento para a discussão de conteúdos e em especial, de temas como meio ambiente, ecologia, gravidez na adolescência, homossexualismo, uso de drogas, entre outros. Porém, elementos próprios da linguagem cinematográfica, como cenário, enquadramento da câmera, roteiro, representações do ambiente e dos personagens não foram citados no relato da professora, o que indica que não são, ou são pouco explorados.

A utilização de filmes no ensino de Ciências possibilita diferentes formas de abordar os conhecimentos, de forma multidisciplinar e através de uma linguagem mais acessível e instigante para os alunos.

De acordo com Fabris (2011), é necessário “tomar os filmes como produções datadas e localizadas, produzidos na cultura, criando sentidos que a alimentam, ampliando, suprimindo e/ou transformando significados” (p. 120).

Os filmes nos interpelam com informações, conceitos e significados relacionadas ao contexto histórico, social e cultural em que são produzidos e em que circulam, atuando tanto na transformação quanto na manutenção de determinados significados.

Ao utilizar o cinema em sala de aula, o professor deve levar os alunos a refletir sobre os significados apresentados, de modo que os mesmos compreendam que as informações não são neutras, mas sim, carregadas de interesses políticos, sociais e econômicos, e expressam o contexto histórico social a que estão vinculadas.

Deste modo, é possível ir além das relações do filme com conteúdos específicos, uma vez que, embora os filmes apresentem relações com temas da disciplina, não foram produzidos com o objetivo de ensinar a ciência acadêmica.

Além disso, o professor pode enfatizar que o filme é antes de tudo arte, proporcionando também a apreciação e a leitura do mesmo enquanto linguagem artística, chamando atenção para o gênero, a história e o contexto em que foi produzido, as técnicas e meios de produção.

Neste sentido, o trabalho com o cinema em sala de aula implica a mobilização e construção de conhecimentos sobre a linguagem fílmica, dando

espaço a formas mais significativas de ver os filmes, no entanto, sem o objetivo de formar críticos de cinema.

Para Xavier,

Cinema que educa é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável (2008, p. 15).

Quando assistimos a um filme, relacionamos significados dele advindos das nossas experiências e assim reelaboramos conhecimentos e tecemos articulações com saberes cotidianos de forma subjetiva e inusitada. Portanto, não há uma relação passiva com os filmes, mesmo quando estes são vistos sem uma intencionalidade pedagógica do professor ou aluno. Por meio da análise sobre as concepções e encaminhamentos relatados quanto ao uso dos filmes, percebe-se que pouco tem se discutido sobre esses aspectos no contexto educativo.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O FILME “RIO”

Lançado em 2011, o filme “Rio”, da *Blue Sky Studios*, dirigido por Carlos Saldanha é uma homenagem do brasileiro à sua cidade natal, o Rio de Janeiro, sendo a cidade é o principal cenário da trama.

A animação conta a história de Blue, uma arara azul nascida no Rio de Janeiro que foi capturada por traficantes de aves e levada para os Estados Unidos, através da rede internacional de tráfico de animais.

A cidade que dá nome ao filme ganha destaque na animação quando Túlio, um cientista brasileiro, vai até Minnessota em busca de Blue, último macho da espécie, com o objetivo de trazê-lo para o Rio de Janeiro para acasalar com Jade, última fêmea de arara azul.

Chegando ao Rio de Janeiro, Blue vive muitas aventuras para escapar de traficantes de aves. Apesar das críticas por ter apresentado a cidade sob a perspectiva que os estrangeiros têm do país, alimentando clichês, apresentando temáticas brasileiras de maneira enfática e estereotipada com relação ao futebol, ao samba e o carnaval, ao churrasco e a favela, o filme traz cenas estonteantes, uma explosão de cores e beleza retratando a natureza, as paisagens e alguns dos cartões postais da Cidade Maravilhosa, como o Cristo

Redentor, a Pedra da Gávea, a Praia de Copacabana, o Bondinho de Santa Tereza e os Arcos da Lapa.

Além dos efeitos gráficos da animação encantar por representar com pretensa fidelidade e muita beleza o Rio, a trilha sonora também valoriza a cultura brasileira, embora de forma estereotipada, trazendo musicais ao ritmo do Samba e do Funk.

O filme retrata de forma sutil a questão da violência e da marginalidade, ao retratar o menino negro que participa da captura das aves, bem como o grupo de macacos que roubam turistas no Pão de Açúcar. “Tanto na desconfiança em relação ao menino negro, quanto na representação dos macacos como ladrões zombeteiros, há claros sinais de ‘naturalização’ do preconceito social e racial” (CERQUEIRA & AGUIAR, 2011, p. 13).

Ao trabalhar com o filme Rio nas aulas de Ciências, o professor pode atentar-se para essas caricaturas sobre cidade do Rio de Janeiro e seu povo que acabam sendo reforçadas no filme, uma vez que este tem circulação internacional, e, diga-se de passagem, foi produzido para agradar o público estrangeiro.

O filme também se apresenta como um dispositivo válido para estabelecer relações entre natureza, cultura e sociedade, além de possibilitar a formação ambiental e ecológica dos espectadores, por problematizar a questão do tráfico de animais, que, juntamente com o desmatamento são algumas das principais causas de extinção das aves silvestres no Brasil. O filme ainda nos possibilita refletir sobre a condição dos animais criados em cativeiro e a fragilidade a que são expostos quando retornam a seu habitat “natural”.

Um artigo publicado na versão eletrônica da Revista *Época* apresentando um infográfico intitulado *Os 12 erros do filme Rio*, elaborado por pesquisadores e especialistas, demonstra que os erros de conteúdo são os olhares pedagógicos frequentemente acentuados sobre os filmes, desconsiderando as especificidades da linguagem cinematográfica, a imaginação, os modos de construção narrativa, as cores, os temas lançados, enfim, desvalorizando-o como produção artística.

Neste sentido, o filme põe em circulação questões que vão além do tema ambiental, ampliando-se para as representações sociais, culturais, artísticas que podem ser exploradas na sala de aula na disciplina de Ciências ou de modo

interdisciplinar, através de encaminhamentos diversos como: debates, pesquisas, produções, dentre outros.

Ao chamar atenção para alguns pontos sobre o filme a ser trabalhados em sala de aula, não temos por objetivo esgotar as questões que o filme apresenta o que nem seria possível, uma vez que assistir ao filme é uma atividade subjetiva, que pode levantar diferentes significações aos olhos de cada espectador, em cada contexto em que circula.

Portanto, cabe ao professor em sala de aula explorar ao máximo as potencialidades pedagógicas do filme, tanto no que diz respeito aos aspectos artísticos, culturais quanto científicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita sobre as narrativas dos professores de uma escola da rede pública estadual do Paraná é possível inferir que a maior parte dos professores considera o filme como um recurso pedagógico secundário em sala de aula, estando seu uso relacionado ao trabalho com conteúdos específicos de cada disciplina.

Neste sentido, a intencionalidade dos professores ao utilizar filme em sala de aula gira em torno da complementação de conteúdos, sendo a seleção dos filmes feita em função disso. Poucos trabalham de forma interdisciplinar com o cinema, utilizando a narrativa do filme como tema gerador para o debate e problematização dos conceitos nele apresentados. Geralmente, os encaminhamentos a partir do filme reduzem-se à exploração dos conteúdos referentes à disciplina em que são apresentados. O filme como lazer foi apontado em uma das narrativas, o que demonstra que mesmo em contextos formais de aprendizagem, o cinema pode ser utilizado e limitado a esta função.

Uma grande diversidade de filmes e gêneros é utilizada pelos professores, sendo o gênero drama o mais citado com 12 títulos, porém, na disciplina de Ciências, as animações tiveram destaque, por frequentemente apresentar temas relacionados à Educação Ambiental.

Os filmes são amplamente inseridos nas salas de aula e apresentam caráter formativo e pedagógico ao por em circulação significações, formas de ver, agir, sentir e se relacionar no e com o mundo, configurando-se como mediadores de aprendizagens que vão além das relações com conteúdos. Embora possam ser utilizados para trabalhar questões relacionadas ao ensino

Ciências e Biologia, podem ser considerados como artefatos de comunicação que apresentam uma linguagem artística própria, com suas singularidades, o que os diferencia da linguagem escrita, ainda privilegiada, embora não menos importante, no ambiente escolar.

Ao utilizar o cinema em sala de aula, o professor de Ciências e Biologia pode estar atento para problematizar e levar os alunos a refletir sobre os significados apresentados, indo além das relações do filme com conteúdos específicos, considerando que na maioria das vezes, eles não foram produzidos com o objetivo de ensinar a ciência acadêmica. Desta forma, o professor deve ter claro que o filme é antes de tudo arte, proporcionando também a apreciação e a leitura do filme enquanto linguagem artística, chamando atenção para o gênero, a história e o contexto em que foi produzido.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, J. F., & AGUIAR, S. *Comunicação Ambiental no Cinema de Animação: uma análise da representação da natureza no longa-metragem "Rio"*. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife: Intercom, 2011, p. 1-15.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, R. & ALEGRIA, J. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Revista Educação e Realidade**, vol. 33, n. 1. 2008, p 59-80.

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: Um caminho metodológico. **Revista Educação e Realidade**, vol. 33, n. 1, jan./jun. 2008, p 117-134.

NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar. In: TOZZI, D. (org.). **Caderno de cinema do professor II**: Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

XAVIER, Ismail. Um cinema que educa é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. **Educação & Realidade**, v.33, n.2. Porto Alegre, 2008.